

# Almorode: o rio que corre entre as árvores cortadas. Notas sobre um hidrónimo da Bacia do Leça<sup>1(\*)</sup>

João Veloso

jveloso@letras.up.pt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Centro de Linguística da Universidade do Porto<sup>2(\*\*)</sup>

## ABSTRACT

Assuming hydronymy as a special lexical subset that preserves the most ancient roots found in modern languages, we shall propose that *Almorode*, a river-name designating a watercourse of Northern Portugal, combines two Indo-European roots for European river names (\**alm* ‘to flow’ + \**wer* ‘water’) with the Germanic locative suffix \**reuth* ‘flat land’. This proposal contrasts with other current hypotheses positing different etymological origins for this hydronym (namely, its Arabic origin)

## KEY-WORDS

Portuguese Hydronymy; Indo-European; Etymology; Almorode.

## RESUMO

Assumindo a hidronímia como um reservatório linguístico muito particular onde se conservam algumas das mais antigas raízes ainda hoje correntes nas línguas modernas, proporemos que *Almorode*, o hidrónimo que designa um pequeno curso fluvial no Norte de Portugal, combina duas raízes indo-europeias frequentes em nomes de rios europeus (\**alm* ‘fluir’ + \**wer* ‘água’) com o sufixo locativo germânico \**reuth* ‘terra desbastada’. Esta proposta afasta-se de outras hipóteses correntes que propõem explicações históricas diferentes para o hidrónimo aqui considerado (nomeadamente, dos que o relacionam com uma possível origem árabe).

## PALAVRAS-CHAVE

Hidronímia portuguesa; Indo-Europeu; Etimologia; Almorode

---

<sup>1</sup> (\*) Estas notas de investigação retomam os conteúdos principais e, em grande medida, parte da formulação de um outro trabalho de minha autoria sobre o mesmo tema (Veloso 2020), originalmente publicado em língua inglesa em: H. Bichlmeier, O. Šefčík, R. Sukač (Eds.). *Etymologus. Festschrift for Václav Blažek*. Hamburg: Baar-Verlag, pp. 397-401. Agradeço reconhecido os comentários e sugestões de um revisor anónimo deste texto que em muito contribuíram para o esclarecimento de alguns pontos e para a discussão de algumas propostas e tentativas de explicação aqui formuladas e que completam a primeira versão inglesa deste trabalho acima referenciada.

<sup>2</sup> (\*\*). Unidade de investigação financiada pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UID/LIN/0022/2020).

## 1. Introdução

Nestas breves notas de investigação, reuniremos algumas considerações gerais visando a proposta de uma hipótese linguística e histórica sobre a etimologia do hidrónimo português *Almorode*, que designa um afluente do rio Leça (em cuja bacia hidrográfica está incluído) que percorre várias freguesias do concelho da Maia ao longo de aproximadamente 11 km (Velhas 1991; Drarn 1994).

Estes apontamentos poderão ser assim inscritos em dois domínios principais: a **paleolinguística** (concebida como a reconstrução de raízes etimológicas ancestrais de línguas muito remotas, extintas no tempo e muito indocumentadas em termos de vestígios materiais, fundamentalmente orientada para a reconstituição do passado histórico longínquo das primitivas comunidades de falantes de determinadas localizações geográficas – cf. Blažek *et al.* 2001); e a **hidronímia**, que podemos aceitar como um capítulo particular das investigações paleolinguísticas dedicado à identificação das etimologias originais dos nomes que designam, nas línguas modernas, os cursos de água doce (Kitson 1996).

Veremos que para a origem do hidrónimo *Almorode* têm sido propostas várias explicações, partindo de perspetivas diferentes e apresentando datações e origens linguísticas igualmente diversas. Com base noutras propostas paleolinguísticas de reconstituição etimológica das designações de outros cursos de água europeus, tentaremos apresentar aqui uma hipótese que faz remontar as origens desta forma a uma era muito antiga da história do povoamento da região percorrida pelo Almorode e que admite a combinação, no interior deste hidrónimo, de formas provenientes de diversas línguas, como resquício da sucessão de diversos povoamentos que representam épocas e origens geográficas diversificadas.

## 2. Considerações gerais sobre a natureza e os propósitos dos estudos hidronímicos

Ainda que não muito representada em Portugal, a investigação sobre a origem dos hidrónimos constitui, no entanto, um domínio de estudo de

reconhecida importância nos estudos de paleolinguística e de linguística indo-europeia (cf., entre outros, o já referido estudo de Kitson 1996). Entre os principais motivos que justificam o interesse destas disciplinas pelo tema específico da hidronímia contam-se a preservação, neste repositório linguístico específico, das mais antigas raízes ainda hoje preservadas nas línguas modernas (Krahe 1964) – motivação especialmente pertinente para os estudos linguísticos – e as pistas fornecidas pelos estudos paleo-hidronímicos para a identificação dos habitantes primitivos de certas regiões, o que interessará sobretudo às investigações em campos como a arqueologia ou a antropologia.

Com efeito, estudos como Krahe (1964)<sup>3</sup>, Kitson (1996), Blažek *et al.* (2001), Bascuas (2002), Bascuas López (2006) e Ballester (2007), entre outros, sublinham essas mesmas motivações e mostram como a substituição, num dado território, de uma língua por uma outra língua subsequente teve como consequência bastante comum a substituição da maior parte do léxico e de sistemas gramaticais, mas manteve relativamente intactas as raízes morfológicas encontradas no acervo toponímico.

### 3. Hidrónimos e topónimos conservados no português contemporâneo: toponímia setentrional e toponímia meridional

No que diz respeito à hidronímia e à toponímia portuguesas, Piel (1930; 1936) e Carvalhinhos (2014), entre outros, defendem que os hidrónimos e topónimos setentrionais conservam de forma muito significativa formativos de origem germânica (tal como sucede, p. ex., nos topónimos terminados em *-munde*, do étimo germânico *-mund/-münd* ‘foz’; exemplos: *Recamunde*, *Freamunde*, *Gemunde*, etc.)<sup>4</sup>.

Quanto a este aspeto, regista-se um contraste com os topónimos meridionais, atestados em zonas do território historicamente habitadas

---

<sup>3</sup> Várias hipóteses são colocadas acerca do principal substrato conservado pelos hidrónimos europeus mais antigos. Neste texto, não aprofundaremos esta questão, remetendo para o artigo de Kitson (1996), onde são contrapostas as duas hipóteses principais: segundo Krahe (1964), a maior parte das raízes hidronímicas são indo-europeias, proposta a que se opõe, p. ex., Vennemann (1994), que defende que tais raízes são, na sua maioria, mais antigas, isto é, de origem pré-indo-europeia.

<sup>4</sup> Cf. ainda, para referências suplementares a este tópico numa perspetiva geográfica mais ampla que contempla o Norte Peninsular central e oriental, os trabalhos reunidos em Gordón Peral (Coord., 2010) e Garvens (2017).

por comunidades falantes do árabe, língua que deixou também resquícios frequentes em topónimos conservados até aos dias de hoje, p. ex. através de formativos como a forma determinante *al-* do árabe encontrada em topónimos como *Almedina* (“a cidade”), *Alcântara* (“a ponte”), *Alcácer* (“a fortaleza”) ou *Albufeira* (“o lago”).

O território que hoje corresponde, em termos abrangentes, a grande parte do Norte de Portugal e da Galiza atuais constituiu, ao longo de muitos séculos, um lugar de passagem e de cruzamento de diversas populações e culturas com origens diferentes e falando também línguas diferentes (Piel 1930; 1936; Tovar 1946; 1951; Alarcão (Org.) 1990; Villar 2000; Blažek 2006; Villar & Prosper 2005; Carvalhinhos 2014).

Destes cruzamentos civilizacionais haveria de resultar, necessariamente, um entrecruzamento linguístico importante a que, de acordo com os pontos de vista explicitados no início deste estudo, terão sido mais imunes os nomes com que até hoje se designam rios e outros cursos de água, lagos, montanhas, serras, cordilheiras, vales e algumas povoações. Tais nomes terão preservado – segundo Krahe (1964), Kitson (1996), Blažek et al. (2001), Bascuas (2002), Bascuas López (2006) e Ballester (2007) – étimos ancestrais e herdados dos primeiros habitantes da região, apresentando-se este léxico como maximamente conservador das línguas faladas pelos povos originais deste território, anteriores às sucessivas migrações e colonizações que redefiniram a paisagem linguística mantendo relativamente intacto o léxico toponímico.

#### 4. Sobre a origem de *Almorode*

No presente estudo, deteremos a nossa atenção sobre um hidrónimo específico – *Almorode* –, sugerindo a sua ancestralidade e a possibilidade de sobreposição, na sua formação histórica, de diversas línguas sucessivamente faladas no território banhado pelo rio que ele designa.

Como afirmado no início, *Almorode* é o nome de um pequeno rio, com cerca de 11 km de extensão, que percorre diversas freguesias do concelho da Maia, no distrito do Porto, desaguando no rio Leça.

A área percorrida por este rio, bem como as áreas adjacentes hoje

integradas, *grosso modo*, na área urbana e periurbana do “Grande Porto”, formava parte, no tempo da ocupação romana, do *Conventus Bracarensis*, por sua vez integrado na província da *Hispania Terraconensis Citerior* (Alarcão Ed. 1990).

Se aceitarmos a divisão (pré-romana) proposta por Blažek (2006) entre os territórios ancestralmente ocupados pelos pré-celtas, pelos galécios e pelos lusitanos, as margens do rio Almorode encontrar-se-iam na zona de confluência dessas três fronteiras etnolinguísticas.

Em consonância com uma ideia muito corrente no senso comum que faz associar invariavelmente todas as palavras do português começadas por <al> a étimos supostamente de origem árabe, alguns autores dos domínios da etnografia e da arqueologia têm proposto uma origem árabe para este hidrónimo (cf., p. ex., Vieira (1886) ou G. Marques 2016). Hipóteses como estas, além de não esclarecerem a origem da parte do hidrónimo que se segue à primeira sílaba, aproximam o nome *Almorode* do conjunto dos topónimos maioritariamente encontrados no Sul do país e que têm comprovadamente origem árabe, como os acima referidos – com escassa representação, porém, no território mais setentrional do país.

De facto, como foi também referido anteriormente, a presença árabe terá sido menos expressiva a norte do rio Douro, o que terá contribuído, nesta parte do território, para um número inferior de legados toponímicos de origem árabe conservados no português contemporâneo.

De certa forma contrariando a hipótese da origem árabe de *Almorode*, J. Marques (2015), sem apresentar argumentos aprofundados, adianta a hipótese de este hidrónimo ter uma origem germânica.

Nestas breves notas – e inspirando-nos no entendimento de que a hidronímia europeia se nutre de origens muito mais antigas que remontam a épocas bastante anteriores às colonizações romana, germânica e árabe do território em consideração (Krahe 1964; Kitson 1996; Blažek et al. 2001; Bascuas 2002; Bascuas López 2006; Ballester (2007) –, deixamos à consideração de estudos posteriores a hipótese de *Almorode* poder resultar da combinação de formativos oriundos de diversas línguas anteriores aos povoamentos romano e germânico.

Com efeito, não nos parece totalmente implausível a identificação, na forma fonética contemporânea deste hidrónimo, de pelo menos duas raízes

proto-indo-europeias que, segundo Krahe (1964) e Udolph (2002), são bastante frequentes e recorrentes na hidronímia europeia:

- *al(m)* ‘fluir’;
- *aur/wer* ‘água’.

O primeiro desses formativos – que acabará por assumir, como veremos nos exemplos seguintes, formas fonéticas ligeiramente diferentes (*al-*, *alm-*, ...) em resultado de evoluções diacrónicas divergentes mas conservando quase invariavelmente uma vogal /a/ antecedendo uma soante (geralmente, uma lateral) – é identificado em Bascuas (2002: 264 ss.) em diversos hidrónimos que designam rios da Galiza e do Norte de Portugal: *Ala*, *Alobre*, *Alais*, *Aloina*, *Aliste*, *\*Alavarium*, *Alavenche*, *Alva*, *Alba*, *Alvela*, *Almonte*, *Almeira*, *Almeiro*, *Almeirol*, *Almansa*, *Almoite*, *Alsame*, *Anzas*, *Arlanza*, ...

Assim, numa reconstituição etimológica que gostaríamos de sujeitar a um exame mais robusto, baseado em provas documentais e na comparação da evolução fonética destas raízes em hidrónimos de diversas línguas onde as mesmas foram identificadas por investigações anteriores, poderíamos colocar a hipótese de *Almorode* combinar, de forma em princípio compatível com as hipóteses de Krahe (1964), os seguintes formativos:

***alm* ‘fluir’ + *wer* ‘água’  
‘a água que corre [= ‘o rio’]’**

Relativamente ao formativo final encontrado na forma moderna de *Almorode*, e considerando que a região por onde ainda hoje flui o rio Almorode registará, segundo Carvalhinhos (2014), uma considerável presença de antigos topónimos de origem germânica – encontrados nas designações de povoações não muito distantes deste curso de água (*Gueifães*, *Gemunde*, *Ermesinde*, ...) –, julgamos ser de considerar a presença do sufixo toponímico germânico *-reuth* ‘terra desbastada’ (encontrado em topónimos alemães contemporâneos como *Bayreuth* e noutros em que *-reuth* terá sofrido uma evolução fonética muito semelhante àquela que, se a nossa hipótese se revelar correta, se terá concretizado também em *Almorode*: *Osterode*, *Wernigerode*, p. ex).

Assim, e ressaltando uma vez mais que, nestes breves apontamentos, pretendemos somente reunir algumas pistas para uma indagação futura mais aprofundada, registamos a possibilidade de *Almorode* resultar da combinação muito ancestral de dois formativos indo-europeus posteriormente concatenados com um formativo germânico:

\**alm* + \**wer* + \**reuth*  
IE        IE        Germ  
'fluir' 'água' 'terra desbastada'  
[IE = Indo-Europeu; Germ = Germânico]

Reconhecemos que, no estado atual da nossa reflexão sobre a origem deste hidrónimo, não dispomos ainda de argumentos plenamente convincentes e devidamente sujeitos a comprovação que, nomeadamente, nos permitam afastar definitivamente a possibilidade de estas formas terem outras origens.

Contudo, e se investigações posteriores vierem a tornar mais sólida uma reconstituição como a acima delineada, poderemos vir a aceitar que *Almorode*, no seu sentido mais literal e original, descreveria uma terra trabalhada pelo Homem (desarborizada para eventualmente ser agricultada) nas margens de um rio de águas fluidas. Tal formulação ainda hoje parece adequada para nos descrever a paisagem do Almorode e das suas margens. A provar-se como acertada, esta explicação etimológica permitir-nos-ia reconstruir o passado muito antigo de comunidades milenares de que hoje restam um nome e um rio que corre ainda entre margens trabalhadas (florestadas, desbastadas, reflorestadas, industrializadas e urbanizadas) por sucessivas gerações de habitantes. Estas, mudando continuamente a paisagem até aos dias de hoje, conservam, provavelmente sem o saberem, formas fonéticas e morfológicas muito antigas que testemunham e retratam fases de um passado materialmente perdido mas linguisticamente conservado.

## REFERÊNCIAS

- Alarcão, J. (Ed.). 1990. *Portugal. Das Origens à Romanização*. Lisboa: Presença.
- Ballester, X. 2007. Hidronimia Paleoeuropea: Una Aproximación Paleolítica. *Quaderni di Semantica*. XXVIII: 25-40.
- Bascuas López, E. 2006. *Hidronimia y léxico de origen paleoeuropeo en Galicia*. A Coruña: Edicións do Castro.
- Bascuas, E. 2002. *Estudios de hidronimia paleoeuropea gallega*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Blažek, V. 2006. Lusitanian Language. *Studia Minora Facultatis Philosophicae Universitatis Brunensis*. 11: 5-18.
- Blažek, V. et al. 2001. Paleolinguistics: The State of the Art and Science. *MotherTongue*. 6: 29-94.
- Carvalhinhos, P. 2014. Variaciones lexicales en la hidrotoponimia portuguesa: el genérico. *Actes del XXIV Congrés Internacional D'ICOS sobre Ciènces Onomàstiques*, 1047-1064.
- Dram. 1994. *A Bacia Hidrográfica do Leça*. Porto: Direcção Regional do Ambiente e Recursos Naturais do Norte.
- Garvens, F. 2017. *La toponímia prerromana del norte de España*. Lérida: Milenio.
- Gordón Peral, M. D. (Coord.). 2010. *Toponimia de España*. Berlin: De Gruyter.
- Kitson, P. R. 1996. British and European River Names. *Transactions of the Philological Society*. 94(2): 73-118.
- Krahe, H. 1964. *Unsere ältesten Flussnamen*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz.
- Marques, G. M. 2016. Memória da Maia: a Linhagem e a Terra. *Revista da Maia*. 1: 23-36.
- Marques, J. A. M. 2015. Maia: Cidade, Tempo e História. *Maia, Identificação de uma cidade*. Maia: Câmara Municipal da Maia, 43-52.
- Piel, J. 1930. *Contribuições para o léxico etimológico português*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Piel, J. 1936. *Os nomes germânicos na toponímia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Tovar, A. 1946. Las inscripciones ibéricas y la lengua de los celtíberos. *BRAE*. XXV:7-42.
- Tovar, A. 1951. Léxico de las inscripciones ibéricas (Celtibérico e Ibérico). *Estudios dedicados a Menéndez Pidal*. Madrid: CSIC, II, 273-323.
- Udolph, J. 2002. Nordic, Germanic, Indo-European and the structure of the Germanic



- language family. In: O. Bandle et al. (Eds.). *The Nordic Languages*. Berlin: Walter de Gruyter, 544-553.
- Velhas, E. 1991. A Bacia Hidrográfica do Rio Leça. Estudo Hidroclimatológico. *Revista da Faculdade de Letras do Porto. Geografia*. VH: 139-251.
- Veloso, J. 2020. Old hydronymy in Northern Portugal: Digging for the roots of 'Almorode'. In: O. Šefčík et al. (Eds.). *Etymologus: Festschrift for Václav Blažek*. Hamburg: Baar-Verlag, 397-401.
- Venemann, T. 1994. Linguistic reconstruction in the context of European pre-history. *Transactions of the Philological Society*. 92: 215-284.
- Vieira, J. A. 1886. *O Minho Pitoresco*. Lisboa: A. M. Pereira.
- Villar, F. 2000. *Indoeuropeos y no indoeuropeos en la Hispania prerromana*. Salamanca: Universidad de Salamanca.
- Villar, F.; Prosper, B. M. 2005. *Vascos, celtas e indoeuropeos. Genes y lenguas*. Salamanca: Universidad de Salamanca